



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS DO PARÁ
UNIDADE DE APOIO À PESQUISA E À PÓS-GRADUAÇÃO
EMBRAPA AMAZÔNIA ORIENTAL

XII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA DA FCAP

VI SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA DA EMBRAPA
AMAZÔNIA ORIENTAL

10 a 12 de Dezembro 2002
CAMPUS DA FCAP - BELÉM - PARÁ



**A CONTRIBUIÇÃO DO PROFISSIONAL DE CIÊNCIAS
AGRÁRIAS NO USO E CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE**

ANAIS

AVALIAÇÃO QUANTITATIVA E QUALITATIVA DA PASTAGEM EM PROPRIEDADES FAMILIARES DO NORDESTE PARAENSE

SOBRINHO JUNIOR, Carlos de Melo¹; **VEIGA**, Jonas Bastos da²; **SARMENTO**, Célia Maria Braga³.

A pecuária tradicional da Amazônia brasileira, iniciada em meados do século XVII, se desenvolveu em pastagens nativas ecologicamente estáveis na ilha de Marajó, no baixo-Amazonas e em Roraima. Sua expansão em base a pastagem cultivada, substituindo áreas de floresta, se deu a partir da década de 70. Mais recentemente tem-se observado na região Bragantina, no sul do Pará, assim como na Rodovia Transamazônica uma tendência da agricultura familiar a adotar a pecuária dentro de um sistema diversificado, através do manejo de pequenos rebanhos de bovinos e da introdução de pastagens, fenômeno denominado de pecuarização. Somente durante as décadas de 70 e 80, cerca de 1-5 milhões de hectares de floresta tinham sido derrubados e queimados para formação de pastagens. No entanto, admite-se que a principal causa da instabilidade da pecuária é, sem dúvida, a degradação das pastagens, visto que as pastagens de primeiro ciclo só mantêm uma produtividade aceitável no máximo até aos oito anos. No início da década de 90, estimou-se que 50% das pastagens formadas em áreas desmatadas estavam degradadas ou em vias de degradação, além de que a estreita base genética das forrageiras é também uma das limitações marcantes detectadas no sistema pecuário do pequeno produtor, tendo em vista a ameaça constante de quebra de resistência a pragas e doenças das espécies atualmente plantadas. A gramínea mais utilizada para a formação de pastagens nesta região pertence ao gênero *Brachiaria*, que apesar de apresentar um alto potencial de produção, têm seu valor nutritivo diminuído rapidamente com a maturidade e notadamente no período seco do ano, em consequência restringindo a produtividade animal. Uma das alternativas para minimizar esse problema é a introdução de leguminosas na pastagem, pois além de apresentarem melhor valor nutritivo que as gramíneas melhora também as condições físicas do solo. No entanto essa prática ainda é pouco utilizada pelos produtores do pólo da Bragantina. Antiga fronteira agrícola do Pará, colonizada no início do século XX, os ecossistemas naturais de mata já foram quase que totalmente devastados, restando 5% da área média total dos estabelecimentos. A vegetação secundária representa uma expressiva proporção da paisagem agrícola, como por exemplo, o município de Igarapé-Açu é coberto por 75 % desta vegetação. Na região, predomina a agricultura de subsistência, desenvolvida pelos pequenos produtores caracterizados pelas reduzidas dimensões das áreas das propriedades e pela utilização de mão-de-obra familiar. A agricultura familiar tradicional está baseada no sistema de exploração da derrubada da vegetação secundária, após período de pousio, seguida de queima da fitomassa. Como a atividade envolve rotação de áreas, interrompe a proliferação de pragas, doenças e plantas invasoras e evita a degradação do solo, porém não interferindo nas limitações quantitativas e qualitativas, das pastagens na região Bragantina. Dessa forma, estudos mais aprofundados da evolução da pastagem ao longo do ano se fazem necessário, visando adequar as estratégias alimentares do rebanho, bem como avaliar o componente pecuário da agricultura familiar do nordeste paraense especialmente o aspecto produtivo, influencia dos diferentes manejos da pastagem na produção e qualidade da pastagem e relacionar os índices produtivos do rebanho com a performance das pastagens. E para quantificar a forragem total serão cortadas aleatoriamente à altura de 5cm do solo dez áreas amostrais de 1m² por piquete, em cada quadrado será medida a altura da forrageira e efetuada a avaliação visual da cobertura restrita correspondente a área coberta pela forragem, área coberta por juquia e área descoberta, em porcentagem. Após isso, ainda no campo a biomassa verde de cada quadrado será pesada, destas amostras de onde será retirada uma sub-amostra que também será pesada e posteriormente secada para determinação da biomassa. Outras três sub-amostras compostas por piquete, desta vez somente de pastagem serão retiradas, pesadas e fracionadas em folha, caule e material morto. Esse material será secado em estufa à 65°C com circulação de ar e pesado novamente. Em seguida o material será triturado e devidamente etiquetado para serem utilizados nas análises laboratoriais de proteína bruta e digestibilidade *in vitro* da matéria orgânica. A análise de proteína bruta será realizada pelo método de micro Kjeldahl e a digestibilidade *in vitro* da matéria orgânica (DIVMO) será realizada no laboratório de nutrição animal da Embrapa, pelo método de Tilley & Terry, modificado por Tinnimit & Thomas, com o uso do líquido ruminal. Ao final das amostragens no campo, será feita uma avaliação da composição botânica da área de pastagem dentro de todo o piquete. Nesse caso, além da comunidade forrageira presente na cobertura restrita das áreas de pastagem, consideraremos também, os nichos homogêneos de plantas invasoras lenhosas e arbustivas, e a área descoberta total, considerando a pastagem como um todo.

¹Bolsista PIBIC/CNPq/EMBRAPA AMAZÔNIA ORIENTAL. Acadêmico do 5º semestre do Curso de Agronomia.

²Orientador/Pesquisador. Ph.D. Produção Animal EMBRAPA.

³Pesquisadora. M.S.